

EXPERIÊNCIAS NO ÂMBITO TEÓRICO-PRÁTICO NO ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO INICIAL.

Maria Eduarda Capistrano da Câmara ¹

RESUMO

O presente trabalho objetiva relatar as experiências de estágio não obrigatório em um Centro Municipal de Educação Infantil em Natal (RN), com o intuito de contribuir com a discussão da importância da relação teoria-prática para a formação inicial no curso de pedagogia, tendo em vista que as vivências fora do ambiente acadêmico auxiliam e influenciam nesse período. No âmbito metodológico e na construção de dados o estudo é de caráter descritivo-reflexivo do tipo relato de experiência. Para a discussão teórico-metodológica serão utilizados autores como Andrade (2019) que aborda a importância do estágio para a formação docente, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010), o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998), a Base Nacional Comum Curricular (2018), bem como as proposições referentes à inclusão utilizando Martins (2011) como base. Dessa forma, faz-se notável analisar a importância desse trabalho para a formação docente inicial, compreendendo a práxis como fundante em um curso de licenciatura, em especial na pedagogia, em que o estágio não obrigatório fomenta a inter-relação do graduando com a rotina de uma sala de aula, nesse caso com uma criança com deficiência, auxiliando na observação e ações inclusivas ao longo do período trabalhado. Além de proporcionar um olhar mais amplo acerca das práticas pedagógicas, em especial, em uma turma de educação infantil.

Palavras-chave: Formação inicial, Educação infantil, Estágio, Inclusão, Práticas educacionais.

INTRODUÇÃO

No tocante à formação inicial, na atualidade, é notável a preocupação dos cursos de licenciaturas em formar profissionais com um aporte teórico amplo e vertiginoso, além de prepara-los para a multiplicidade de demandas no campo educacional, em especial no que tange o lócus de atuação. (LEITE et al., 2018).

No âmbito acadêmico, a relação teoria-prática, por vezes, não é tão explorada, aprofundada, tendo em vista que o enfoque, em sua grande parte, direciona-se aos conhecimentos conceituais, enfatizando os teóricos de cada área. Em algumas disciplinas é notável a relação que a teoria tem com a prática, porém esse encadeamento pode ser mais observável na prática do estágio.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, mariaeduarda_camara@hotmail.com;

Assim, o estágio não obrigatório pode ser considerado como um campo vertiginoso e rico em aprendizados, para graduandos de diversas áreas, os quais acabam escolhendo adentrar neste campo de aprendizagem, por muitos fatores, mas em especial com o intuito de praticar o que é estudado nos cursos de graduação, ampliando suas possibilidades formativas. O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e a contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho (§ 2º do art. 1º da Lei 11.788/2008).

Ademais, Andrade (2019) ressalta que o estágio permite a interação entre teoria e prática, em que há o encontro do geral com o particular, do conceitual com o concreto, sendo o estágio uma parte integradora do currículo. Dessa forma, com a práxis, o graduando amplia suas possibilidades, relacionando-se com outros sujeitos, ambientes e posturas. Ampliando, suas experiências e contribuindo para o crescimento coletivo do grupo de trabalho, diversidade e troca de saberes.

Portanto, faz-se necessário analisar como o estágio não obrigatório corroborou para a ampliação dos conhecimentos teórico-práticos de uma discente do curso presencial em pedagogia. Além disso, o estudo justifica-se com o intuito de fomentar a discussão da importância do estágio não obrigatório para a formação inicial de um curso de licenciatura, tendo em vista, que estes devem trabalhar de forma integrada com a multiplicidade das escolas públicas. A pesquisa caracteriza-se como descritiva-reflexiva e para a construção de dados foi utilizado recortes de momentos da rotina da turma observada, bem como fotos, descrição de atividades e reflexão sobre as práticas como primordiais para a formação inicial de uma futura pedagoga, que ampliou o olhar sobre a práxis através das vivências na educação infantil.

METODOLOGIA

O presente trabalho é de cunho qualitativo, além de constituir-se como uma pesquisa descritiva-reflexiva, o tipo configura-se como relato de experiência. Assim, o relato será baseado na descrição de algumas atividades com o intuito de gerar uma reflexão teórica, de forma que seja observado o caráter pedagógico das vivências.

Os caminhos metodológicos foram construídos ao longo do estágio não obrigatório desde no mês de Abril de 2017 até o mês Dezembro de 2018, no Centro Municipal de Educação Infantil Moema Tinoco em Natal (RN). Enquanto auxiliar de sala de aula com uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi possível vivenciar experiências

significativas ao longo do período trabalhado, desde compreender a rotina da educação infantil a planejar coletivamente com as professoras. Além disso, acompanhei a turma durante o período de 2017 no nível III (crianças de 4 anos) e no ano de 2018 quando estavam no nível IV (crianças de 5 anos).

O presente trabalho é um recorte de algumas vivências, ressignificações e reflexões advindas da prática de estágio, em que se entrelaça com as fundamentações teóricas estudadas durante o curso de pedagogia presencial da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Assim, serão relatadas atividades pontuais da rotina na educação infantil que contribuíram para a ampliação do meu olhar, enquanto estudante de um curso de licenciatura, que relacionam-se com aspectos inclusivos, com temas voltados à questões de identidade, da cultura e arte. Vale salientar que alguns verbos do relato estarão no plural, referenciando a participação coletiva das práticas (a professora e eu).

Para a realização da pesquisa foi necessário registros reflexivos, anotações voltadas à rotina, planejamento e o uso de fotografias para o registro das atividades, além de uma fundamentação teórica baseada nos documentos legais que orientam a prática pedagógica da educação infantil. Com isso, o presente trabalho será realizado de forma a situar o leitor de conceitos mais gerais e das vivências iniciais no período citado e, posteriormente, serão descritas as atividades, para, ao final, realizar uma reflexão acerca da importância do estágio na prática docente inicial e na construção de uma graduanda em pedagogia. Para isso, o desenvolvimento da pesquisa será relacionado juntamente com os resultados e discussões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de iniciar na prática do estágio no primeiro período do curso de pedagogia a professora que trabalhei me apoiou bastante, me incluindo nos momentos da rotina e explicando suas práticas. A coordenadora pedagógica realizou uma reunião e estudamos alguns textos que abordavam sobre o autismo

Considero esse momento um ponto chave no meu aprendizado, pois ressignifiquei minhas concepções sobre o transtorno do espectro autista (TEA), pois, por estar no início do curso, não compreendia o que era deficiência nem as características de uma criança com um transtorno global do desenvolvimento.

Mesmo com as especificidades do aluno a rotina seguia seus momentos. A turma do nível III possuía uma rotina dividida da seguinte forma: acolhida, café da manhã, roda inicial, atividade, parque, relaxamento, almoço, escovação e saída. Assim, no âmbito das práticas

educativas, dentro e fora da sala de aula, vamos observar que a rotina da educação infantil auxilia no processo de adaptação da criança proporcionando um melhor aproveitamento do tempo e espaço e ajudando a professora no direcionamento das suas ações, mas para isso faz-se necessário um planejamento para definir algumas questões (Pra quê? Como? Com quem?) relacionadas aos objetivos, procedimentos, aprendizagem e relação professor-aluno que estão respaldadas nas concepções político filosóficas do processo de ensino-aprendizagem.

O planejamento era realizado com base na rotina do CMEI. O primeiro momento era o acolhimento em que a professora e eu organizávamos. Todos os dias as crianças seriam recebidas com algo diferenciado na mesa, para que elas sentissem à vontade para entrar no ambiente da sala de aula. Dessa forma, ao longo do ano de 2017 utilizamos: legos, massa de modelar, fantoches, brinquedos diversos, papel e lápis para desenho livre, jogos, alinhavo, livros, gibis, alfabeto móvel e revistas.

Esse momento inicial durava cerca de 30 minutos e poderia ser feito em qualquer lugar da sala de aula. Mas, dificilmente o aluno com deficiência participava, às vezes ele escolhia outro brinquedo e ficava distante dos demais, ou tentava sair da sala. Quando isso acontecia tentava trazê-lo de volta com algo que ele gostasse, muitas vezes não ele não queria, assim esperávamos o seu momento.

Assim, destaco que a interação entre as crianças, mesmo que não seja em todos os instantes da rotina, é de fundamental importância para o processo inclusivo, sendo necessário o apoio pedagógico para mediar essas interações fazendo com que os sujeitos ali inseridos compreendam a diversidade existente entre cada um deles e como o TEA tem como uma das características o desenvolvimento acentuadamente atípico na interação social e comunicação, de acordo com o DSM-IV-TR (Associação Psiquiátrica Americana [APA], 2002). Com isso, faz-se necessário que o docente observe seu aluno com o intuito de proporcionar uma inclusão efetiva.

Figura 1: Acolhida com livros e revistas



Fonte: Dados de pesquisa, 2017.

Em seguida ao café da manhã, era realizada a roda de conversa, em que eram feitas perguntas sobre o calendário, sobre as novidades das crianças, bem como a contagem, "quem veio?", "quem faltou?", "quantas crianças tem ao todo?". Logo após começava o momento musical em que elas cantam as suas músicas favoritas: "A canoa virou", "O sapo não lava o pé", "Atirei o pau no gato", "A linda rosa juvenil", "Dias da semana", dentre outras.

A criança com deficiência não participava das rodas, mesmo com a minha intervenção e a da professora em chamar ou levar objetos que ele gostasse para a roda. Assim, nesses momentos, ele ficava no ambiente da sala e escolhia algo do armário que chamasse sua atenção para brincar. Mesmo fazendo perguntas e estimulando a comunicação oral, João (nome fictício) não falava muito e quando o fazia era perceptível sua dificuldade e a presença de ecolalia. Flusberg et al (2009) corrobora com os estudos no campo de comportamentos repetitivos na linguagem, afirmando que o discurso repetitivo, e é proeminente, podendo se manifestar por autorrepetição da sua fala ou repetição do outro, por meio da ecolalia.

Ao final da roda, a professora sempre explicava como iriam acontecer os momentos daquele determinado dia. Assim, dependendo do tema trabalhado, ela utilizava jogos, brincadeiras ou até mesmo atividades manuais de desenho ou escrita.

Assim, logo no início do ano de 2017 estávamos trabalhando a questão da identidade. Uma das atividades foi de reconhecimento dos nomes e o bingo com as letras do nome, por exemplo. Considero muito importante trabalhar com esse tema na educação infantil, pois essa construção da identidade vai sendo formada através das interações sociais, com o meio e com os indivíduos, entendendo a partir disso a diversidade entre si e os demais. Corrobora a Base Nacional Comum Curricular (2018) propondo o direito de aprendizagem: "conhecer-se" que está ligada ao sujeito construir sua identidade pessoal, social e cultural.

Figura 2: Bingo de letras do nome



Fonte: Dados de pesquisa, 2017.

Outra intervenção desse momento da rotina foi na época do São João em que estávamos trabalhando o roçado, então planejamos atividades e conversas sobre o assunto. Foi uma semana inteira conhecendo o tema, sobre como se plantava, pra quê e quem realizava essa atividade no dia a dia. Realizamos uma plantação de milho coletiva e após fizemos uma pintura sobre o tema e uma atividade de xilogravura em que o tema era o campo. Vale salientar que João participou de todos os momentos, mesmo que não conseguisse ficar por muito tempo no espaço coletivo.

A partir disso, considero que essas atividades podem ser trabalhadas não só no período do São João, pois compreender e vivenciar o trabalho no campo é essencial para a construção de indivíduos sociais, que sabem a importância deste trabalho para a nossa sociedade, além de ser uma atividade em grupo que proporciona a interação e a cooperação.

Figura 3: Plantação de milho



Figura 4: Representação do milharal



Fonte: Dados de pesquisa, 2017.

Figura 5: Roçado através da xilogravura



Figura 6: Retirada dos moldes



Fonte: Dados de pesquisa, 2017.

É importante destacar que todas as atividades da rotina são planejadas antecipadamente, mas são flexíveis, pois muitas vezes surgem demandas que precisam ser trabalhadas e vivenciadas, entendendo esse aspecto, podemos relacionar com o pensamento de Geraldi (2010, p 100) “Tomar a aula como acontecimento é eleger o fluxo do movimento como inspiração, rejeitando a permanência do mesmo e a fixidez mórbida do passado.” Com isso, compreendi que se faz necessário planejar para que sua prática seja respaldada nos objetivos de aprendizagem, mas o docente precisa ter um olhar sensível perante as questões que surgem ao longo da semana para que seu trabalho esteja em consonância com os desafios do dia a dia.

Ao final do momento de atividades as crianças têm o intervalo, mais conhecido como “hora do parque”, onde brincavam livremente na areia, nos balanços, de “pega pega” ou “esconde esconde”, mas João, na maioria das vezes, preferia brincar sozinho, algumas vezes no parque menor ou com algum jogo. Observei que no momento do parque conseguimos analisar certas questões que na sala de aula, muitas vezes, não percebemos. Um exemplo disso é que na observação, percebi que João não gostava do parque maior devido à insegurança em subir as escadas para chegar ao topo. Tentei algumas vezes ajuda-lo, porém ele sempre ficou relutante e desistia.

Destaco também que o papel do brincar na educação infantil auxilia no estímulo e desenvolvimento da imaginação, da afetividade, interação e cognição, além de favorecer a resolução de desafios, aumentando a autoestima, o brincar ajuda no processo de aprendizagem dos sentimentos e na administração deles.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (MEC, 2010)

Após o parque juntamente com a professora nós realizávamos um momento de relaxamento que poderia ser apreciando músicas de diversos instrumentos ou uma contação de história. Geralmente, quem conduzia esses momentos era eu, pois a professora que trabalhei afirmava que nós só aprendemos na prática. Percebi que essa prática auxiliou na concentração e na percepção auditiva das crianças, em que, decorrido alguns dias colocando músicas de diferentes instrumentos, as crianças começaram a identificar qual era e a escolher aqueles que mais gostavam.

Nesses momentos, João participava, mas não ficava tão perto dos colegas, mesmo houvesse intervenção, ele se distanciava. Assim, em seguida ao relaxamento, as crianças

almoçavam, havia a escovação e a saída. É importante destacar que João não almoçava no CMEI e os familiares mandavam iogurte, que era o alimento que ele conseguia ingerir, porém só tomava com o meu auxílio, apesar das tentativas para fazer com que ele tivesse autonomia nesse momento.

No que se refere ao planejamento, a educadora sempre me incluía. A professora afirmava que era interessante eu participar desse momento para compreender o porquê e o para quê as atividades e intervenções eram propostas.

Assim, observei que, no planejamento, as professoras sempre recorriam ao RCNEI (1998) ou a DCNEI (2010), relacionando e destacando o perfil e as demandas da turma. A coordenadora pedagógica, sempre falava nesses momentos que para uma boa prática pedagógica as educadoras deveriam buscar incessantemente pela renovação através do olhar crítico das suas ações.

Compreendi um pouco mais sobre esse pensamento através das discussões nas disciplinas em que, tanto nós, alunos, quanto os professores falavam que nenhuma sala será homogênea, mas sim, bastante diversa, pois os indivíduos que lá estão advêm de contextos culturais, sociais, políticos e econômicos diversos. Por isso, é essencial colocar-se no lugar dos alunos e observá-los para melhor conhecê-los, para tentar entender um pouco mais se as intervenções vão ser interessantes ou não.

O planejar, no sentido autêntico, é para o professor um caminho de elaboração teórica, de produção de teoria, da sua teoria! É evidente que, num ritual alienado, quando muito, o que pode acontecer é tentar aplicar, ser um simples 'consumidor' de ideias/teorias elaboradas por terceiros; mas quando feito a partir de uma necessidade pessoal, o planejamento torna-se uma ferramenta de trabalho intelectual. (VASCONCELLOS, 2014, p. 46).

Assim, o planejar é um ato de pensar sobre sua prática, auxiliando os professores a superar os desafios. Destaco que o primeiro ano com a turma me fez refletir acerca do planejamento, pois, muitas vezes, conseguíamos realizar as atividades, mas outras não. Então, o ato da reflexão permitia, também, a avaliação não só dos alunos, mas dos professores.

No segundo ano de estágio continuei auxiliando a sala que João estava, turma do nível IV, porém, a professora mudou. Assim, continuei auxiliando a docente nas atividades e com o aluno com deficiência. Ele tinha uma grande dificuldade em trabalhar com alguns materiais, exemplo: massa de modelar e tinta. Com isso, desenvolvemos atividades no início do ano letivo em que todos pudessem utilizar esses materiais ao longo da semana, o resultado foi bastante favorável e conseguimos fazer com João participasse.

Outro momento que vale destacar foi a atividade da centopeia em que a professora contou a história “A epopeia de memeia a centopeia” em que todos participaram da contação e em seguida realizamos uma atividade de registro com tinta em após fizemos levamos a turma para brincar na centopeia. Vale salientar que o desenho da centopeia foi feito por mim com cores diferentes e a proposta era que ele conseguisse pegar em um pincel, escolher a cor referente ao círculo e pintar, pois a elaboração do desenho de João ainda é muito difícil e ele sempre se recusa a fazê-lo.

Figura 19: Atividade da centopeia



Figura 20: Brincadeira da centopeia



Fonte: Dados de pesquisa, 2018.

O desenho no CMEI é uma prática muito recorrente, não só para trabalhar a coordenação motora como também para registrar as ideias referentes às histórias, ao final de semana ou os momentos coletivos e intervenções.

É nesta aventura idealizada entre os seus desenhos e representações, que a criança descobre-se, reconhece as cores diferentes, experimenta as inusitadas formas, os traços sinuosos, manipula as mais variadas texturas, explora os espaços do papel, encontra as diferentes maneiras para interpretar os seus desenhos como também apropriar-se da realidade no qual está inserida. (SIMAS, 2011).

Também é uma forma de avaliar o progresso da criança, tendo em vista que na educação infantil são avaliados diversos aspectos individuais e coletivos da criança. Vamos identificar na DCNEI (2010) que essas instituições devem possibilitar procedimentos para o acompanhamento das práticas pedagógicas e a avaliação não possuirá objetivo de excluir, classificar ou selecionar os alunos e que deve garantir não só atividades e brincadeiras que estimulem a criatividade da criança como também a utilização de estratégias para momentos de transição e adaptação e recursos como registros, fotografia, desenho, álbuns, dossiês, além de documentos específicos para a família e a equipe pedagógica acompanhar o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido.

Essa é a razão da organização de dossiês do aluno, portfólios, relatórios de avaliação. Todas essas nomenclaturas se referem, no seu sentido básico, à organização de uma coletânea de registros sobre aprendizagens do aluno que favoreçam ao professor, aos próprios alunos e às famílias uma visão evolutiva do processo. (HOFFMANN, 2000).

Destaco também a uma prática da professora que é bastante importante para o desenvolvimento da criança que é a contação de história, assim, todos os dias ela proporciona esse contato com a leitura seja ela referente a algum projeto ou uma leitura de degustação. Muitas vezes ela também me dá a oportunidade de realizar esse momento e logo em seguida pedimos pra algum voluntário recontar a história do seu jeito.

As relações conquistadas por João ao longo desse ano foram muitas, pois todos os funcionários do CMEI estavam sempre conversando com ele, ou seja, todos tem uma relação de muito afeto. A partir disso, observamos o desenvolvimento da fala, pois ele ampliou o seu vocabulário, consegue abraçar e ficar mais perto dos colegas e dos demais, além de conseguir tomar o seu iogurte sozinho a partir das contínuas tentativas de fazer com que ele pegasse a colher e levasse à boca. Com isso, destaco que todos estão no processo de inclusão e que isso auxiliou de forma considerável o desenvolvimento da criança. Assim, segundo Martins (2011, p. 40):

A inclusão escolar para ser verdadeiramente desenvolvida requer a participação e o esforço de todos os que fazem a comunidade escolar (docentes, administradores escolares, coordenadores pedagógicos, demais técnicos e funcionários, alunos, pais). Não basta envolver os professores que vão receber os alunos com necessidades educacionais especiais em suas classes, embora estes sejam as figuras centrais deste processo. É preciso que a escola, como um todo, participe consciente e ativamente do processo. (*apud* MARTINS, 2003).

Esse tema perpassa o cotidiano escolar e o âmbito acadêmico, os estudos e os debates. Porém, na prática, é notável a dificuldade é mais palpável, fazendo com que os professores, por vezes, desistam de pensar, planejar e atuar de forma inclusiva. Dessa forma, a partir das reflexões e estudos é que podemos fortalecer o debate da inclusão nas escolas e nas demais instituições sociais, fazendo com que seja um tema de força e para que ocorra mudanças significativas nas práticas inclusivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do curso de pedagogia pude observar na maioria das falas, estudos e debates o quanto a teoria está atrelada à prática e isso foi ainda mais palpável quando iniciei o estágio não obrigatório no CMEI Moema Tinoco, pois estive diariamente em contato com

profissionais da área, discutindo, planejando e atuando. Essa atuação não se restringiu a uma auxiliar, pois no momento em que as professoras me davam permissão para conduzir uma roda inicial ou uma história, ou pediam minha opinião sobre temas do planejamento e até mesmo acatavam minhas ideias advindas de alguma aula na universidade, era ali que me posicionava como aprendiz e futura pedagoga.

Compreendi que na docência estamos em constante transformação e formação, pois novas demandas surgem e os desafios estão na prática, por isso, a reflexão é uma aliada nesse processo, pois é com ela que vamos conseguir observar como estamos atuando e o quanto os nossos objetivos estão sendo alcançados e que apesar dos desafios nossas práticas precisam estar respaldadas não só nos teóricos e nas legislações, mas nos sujeitos ali inseridos, diversos e com sua subjetividade.

O modo como os professores e professoras percebem sua prática é importante na medida em que os (as) entendemos como sujeitos que constroem conhecimentos sobre sua prática profissional, que estão mediados por seus múltiplos conhecimentos, sentimentos, valores, crenças, finalidades e percepções. (ESTEBAN, 2013, p. 28-29).

Dessa forma, afirmo que a experiência foi bastante rica, em que percebia nas educadoras uma vontade de inovar e deixar as atividades e as vivências ainda mais dinâmicas, fazendo com que as crianças pudessem participar de forma prazerosa e lúdica. Ademais, percebi na prática a resiliência das docentes em enfrentar os desafios e entendi que a flexibilidade é uma palavra chave quando falamos de educação.

A partir disso, atribuo o meu crescimento como estudante e profissional, ao longo desses meses, ao corpo docente do CMEI e aos demais funcionários que estiveram presentes e me incluíram nas atividades, nas vivências conversas, as quais me proporcionaram grande aprendizado no âmbito social, cultural e pedagógico. Corroborando com Freire (1970) em que “No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em reciprocidade de consciências [...]”. Posso afirmar que aprendi com todos os sujeitos ali inseridos, aprendizagens significativas para o meu crescimento enquanto graduanda do curso de pedagogia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Arnon de. 1 O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente. In: Arnon de Andrade – Site Pessoal. Disponível em <http://www.educ.ufrn.br/arnon>. Internet. Acesso em: 08 de Julho de 2019

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-IV. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre : ARTMED, 2002, 4a. ed.

BRASIL. Nova Cartilha Esclarecedora Sobre a Lei de Estágio: lei nº 11.788/2008 Brasília: MTE, SPPE, DPJ, CGPI, 2008.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.

ESTEBAN, Maria Teresa. Novos caminhos a serem percorridos. In: ESTEBAN, Maria Teresa. **O que sabe quem erra?** – 2 ed. – Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii, 2013

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a ed. (1^a edición: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**, São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, 208p.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Meidação, 2000.

LEITE, Eliana Alves Pereira et al. FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: ALGUNS DESAFIOS E DEMANDAS DA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NA CONTEMPORANEIDADE. **Educ. Soc**, Campinas, v. 39, n. 144, p.721-737, 2018.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. **Fundamentos em educação inclusiva**. Natal: EDUFRN: 2011.

SIMAS, Daiana Leão. **Riscos e Rabiscos: A contribuição do desenho infantil para a alfabetização**. 2011. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2011.

Tager-Flusberg H, Rogers S, Cooper J, Landa R, Lord C, Paul R et al. Defining spoken language benchmarks and selecting measures of expressive language development for young children with autism spectrum disorders. *J Speech Lang Hear Res*. 2009;52(3):643-52.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. – 24 ed. – São Paulo: Libertad Editora, 2014.